

4- Um encontro inesperado.

A cidade começava sua rotina novamente. Pessoas correndo para lá e para cá, progressivamente, prédios e avenidas outrora solitários estavam agora comportando aquela multidão que dava vida as atividades diárias.

No centro, no mais alto dos edifícios, uma figura vestida de preto estava sentada no alto no parapeito, observando os minúsculos seres que lá embaixo transitavam. Percebeu que nem sempre observar tudo do alto ajudava, dias antes era igual a eles, agora por simples palavras estava odiando-os, querendo destruí-los.

A raiva e a confusão que esse sentimento gerava era traduzido em uma palavra, ódio. Odiava a tudo e a todos, bom quase todos, pensou em uma pessoa, a única pessoa que transformação ou revelação alguma o faria odiá-la, mas não fazia idéia de onde achá-la. Sentiu vontade de chorar, mais uma confusão em sua mente, um ser das trevas chorava? Não. Lembrou-se que ainda havia algo humano em si. Precisava encontrá-la, antes que toda aquela loucura se consumasse.

.....

Régis e Marcelo iriam começar seu turno, após renderem os parceiros que vigiaram o enorme edifício à noite. Régis abotoou o último botão de sua camisa, vestiu a jaqueta, levou a mão ao coldre, costume, para certificar-se de que a arma estava ali.

-Vamos cara! Se os grandões chegam e percebem que não há segurança na entrada, ferram com a gente! - Falou Marcelo ao companheiro que sempre terminava de se vestir por último.

-Só falta mais uma coisinha para agüentar essa doidera! – Disse isso e tirou um pequeno frasco do bolso, o conteúdo era um pó branco.

-Tá louco? – Marcelo deu um tapa na mão do parceiro, pegou o frasco que caiu no chão, foi até a pia e despejou o conteúdo e abriu a torneira -Se te pegam com essa merda, eu também sou prejudicado! É melhor você parar com isso, tenho família e é daqui que sai o pão que levo para eles, ou você dá um jeito ou vou ter que tomar providências! – Gritava colocando o dedo no rosto do colega.

Régis engoliu em seco, estava intimidado com o parceiro, e não desafiaria quem tinha construído uma carreira brilhante e conquistado a confiança de todos através de um bom caráter e competência profissional.

Quando Marcelo terminou de girar a maçaneta e ia abrir a porta, foi interrompido por uma voz chiada e metálica.

-Falcão um na escuta? – Era o rádio, o pessoal da sala de segurança o chamava.

-Na escuta, prossiga falcão dois!

-Há um treze, sentado no parapeito da cobertura, o pessoal da interna ainda não chegou, pode checar, por favor?

-Positivo falcão dois! A caminho.

Antes de sair pensou em quem seria realmente o louco que se sentaria no parapeito no vigésimo segundo andar, a uma altura de quase setenta metros, e como conseguiu chegar até ali?

Os dois seguranças se dirigiam até o topo do edifício, olhos atentos no painel do

elevador, uma ansiedade misturada com um ligeiro temor se apoderou de Régis.

-Não está sentindo que aqui está mais frio? – Perguntou ao parceiro.

-Estamos subindo, é natural! – Disse Marcelo, as mãos cruzadas para trás, sem tirar os olhos do painel.

-Está além do normal cara, to te falando!

Marcelo virou-se ao companheiro e num tom seco e rígido falou:

-Para de usar essas porcarias e seu corpo e sua mente talvez voltem a funcionar normalmente!Vamos lá!

Com um apito a porta do elevador se abriu.

.....

Gabriela comia uma maçã, sentada no galho de uma árvore, ao longe vinha caminhando em sua direção uma figura que conhecia bem, em poucos instantes, abaixo da árvore em que se encontrava havia uma mulher. De porte atlético, com cabelo vermelho, amarrado com uma longa trança, olhos azuis, a julgar pela roupa azul ao invés da branca, estava pronta para sair em combate, e não a paisana.

-Acabou o sossego Gabriela! Infelizmente! – Disse ela.

O que está acontecendo, Lucy? – Perguntou Gabriela ao descer agilmente da árvore.

-Sentimos a áurea de dois demônios, algumas vidas humanas correm perigo, a julgar pelo ódio emanado de um deles.

Gabriela deu uma olhada ao redor, já havia saído para combater uma vez, e o que aprendeu com essa experiência lhe dava incerteza de voltar a ver aquele paraíso de novo toda vez que era convocada para uma patrulha. Mas não tinha escolha, não podia deixar o mundo que conheceu e que viveu sua vida a mercê daqueles monstros.

-Irei me aprontar e já te acompanho. – Disse a Lucy.

-Não demore! – Respondeu Lucy e já saiu em disparada.

Quando olharam para fora do elevador, Régis e Marcelo viram apenas um jovem, sentado ao parapeito, desafiando a própria morte.

-Preciso que venha conosco rapaz! – Falou Marcelo.

O jovem olhou para trás, as feições fechadas, olhos vermelhos, uma palidez mortal, desceu do parapeito e os encarou ameaçadoramente. Régis não acreditava no que via que lunático era aquele? Vestido de preto, com uma espécie de peitoral também preto e o mais estranho, Régis notou na mão do rapaz.

-Cuidado Marcelo! Ele tem uma espada! – Gritou ao colega.

Nesse momento os dois olharam para o alto, e uma espécie de nuvem negra aproximava-se e parou próximo ao jovem. Desfazendo-se aos poucos uma névoa negra ia revelando a silhueta de um homem, um coturno preto, uma calça rasgada, um cinturão com uma fivela de uma cabeça de um dragão que dava suporte a bainha de uma longa espada, a mesma couraça preta do jovem a seu lado, porém a face era mais ameaçadora que a do rapaz, apesar de este estar exibindo suas presas num sorriso maldoso, o que mais assustou os dois seguranças foi o fato desta segunda figura ter asas, asas como de um enorme morcego que se

mexiam dando um tom sinistro a cena. O céu de repente escureceu, sem o menor aviso desaguou uma chuva violenta, o primeiro jovem desembainhou sua espada.

Régis sacou sua arma.

-Nem mais um movimento! – Estava trêmulo, mal podia apontar o revolver para os dois.

Uma gota de chuva bateu em seu olho, levou uma das mãos para limpar e quando abriu os olhos, o monstro com asas estava a sua frente, exibindo seu sorriso malévolos.

-Pena que não pode se mexer, não é mesmo? – Disse ele com uma voz sinistra.

Régis tentou mexer-se, mas de fato o corpo não lhe obedecia.

-Ah! –Disse o demônio – Não vou ser tão mau, vou deixar que puxe o gatilho!

Contra sua vontade o dedo de Régis mexeu-se, mas para seu espanto a arma somente estralou e falhou, seu desespero aumentou, começou a tremer vendo o homem a sua frente com as mãos a nuca, como se estivesse relaxando, alargar ainda mais aquele sorriso. De repente o homem virou-se para o outro estranho.

-Olhe só, Saulo! Vou lhe ensinar uma brincadeira divertida! – E voltou-se novamente para Régis, olhou-o nos olhos, afastou uma mecha do cabelo molhado da face, aproximou-se de seu ouvido e sussurrou:

-Que tal um mergulho? – Perguntou apontando a direção do parapeito.

Sem o menor aviso, sem seu comando, as pernas de Régis começaram a mexer-se indo em direção ao parapeito, o que era aquilo? Porque aquele pesadelo? Lágrimas começaram a escorrer por sua face, misturando-se a fria água da chuva, seus movimentos ficaram mais rápidos, passou pelo jovem que o olhava demonstrando um ódio imensurável, o parapeito a sua frente, e então como se alguém o empurrasse foi lançado abaixo. Estava caindo! A aflição dominou-lhe o ser, sentiu os movimentos voltando, mas de quê adiantariam agora? Seu fim era certo, sua morte era certa, daria tudo por uma segunda chance, fechou os olhos, apertando-os fortemente, fazendo com que as lágrimas caíssem em maior quantidade, gritou:

-Deus!

Foi nesse instante que algo estranho aconteceu, sentiu novamente uma força empurrar seu corpo, fez uma curva em pleno ar e chocou-se contra a janela, espalhando vidro para todos os lados, assustando as pessoas que passavam no corredor aquele momento. Respirava com dificuldade, tremia muito, apesar de machucado e dolorido, ajoelhou-se e chorando agradecia aquela força invisível que o salvou.

Saulo estava com os dedos enterrados na amurada, inclinado notou aquela cena esquisita desenrolar-se diante de seus olhos. Olhou para Cairus, com ar de desentendido.

-Isso garoto – Disse desembainhando a espada – é a maldita intervenção divina! Vai se acostumando.

Saulo olhou para baixo e viu algo que jamais presenciou em sua vida. Um rastro de luz subia velozmente rente as vidraças do edifício, passaram por ele, recuou um passo e ergueu os olhos, o rastro tornou-se uma pequena explosão, e revelava dois indivíduos que eram iluminados por uma luz ofuscante, pôs as mãos em concha a frente dos olhos, era impossível fixar a visão diretamente na luz, lampejos de energia eram visíveis no ar, devido ao choque do calor gerado por aquela luz e o frio que a presença dele e de Cairus causava.

Marcelo a tudo assistia também, porém, esta última visão fora demais para ele, caiu

desmaiado pelo susto causado por aquela situação, o baque surdo de sua queda nem foi notado pelos demônios que se mantinham atentos a luz.

-Prepare-se Saulo! Assim que os idiotas terminarem o show de luz eles partiram para o ataque!

– Disse Cairus rangendo os dentes.

Saulo estava com a espada em punho, esperou ansioso aquele momento e finalmente chegara.

Como Cairus havia dito assim que a intensidade da luz diminuiu os dois anjos lançaram-se como um raio para cima do prédio. Saulo agora podia ver aqueles belos seres, imaginou que seriam guerreiros, mas para sua surpresa eram mulheres, duas lindas mulheres, porém que demonstravam um porte de guerreiras, soldados prontas para o combate, vestidas de azul, enormes asas brancas, a couraça reluzente, as gotas de chuva ao redor delas escorriam brilhantes pelo refletir da áurea dourada que emanava das duas. Deteve seu olhar na da esquerda, arregalou os olhos, virou-se para Cairus, tentou dizer algo.

-Eu fico com a ruiva! – Disse Cairus – A da esquerda aparenta ser novata, dê conta dela!

Disse isso e de repente um facho negro moveu-se velozmente, a anjo da direita também moveu-se rapidamente, os dois chocaram-se brandindo suas espadas, os olhos humanos jamais veriam aquilo, mas Saulo agora podia ver aquela batalha espetacular, movimento a movimento.

Os dois eram hábeis, moviam-se com muita destreza, estava neutra a disputa, e nem um dos dois demonstravam que iriam ceder um ao outro.

Voltou à outra guerreira, seu corpo tremeu, largou a espada ao chão, os olhos voltaram a ser humanos novamente, caminhou lentamente até a guerreira, parou a um passo da anjo, essa por sua vez também já havia embainhado a espada e agora como se fosse uma imagem holográfica suas asas desapareceram, Saulo sorriu, como seria bom se as suas sumissem e aparecessem assim, ao invés de rasgarem sua carne sempre que precisasse delas.

Ela avançou um pouco, estavam quase colados um no outro agora.

-Gabi!

-Sal!

Então algo de muito incomum ocorreu, anjo e demônio, entregaram-se num demorado abraço. Ao mesmo tempo em que Gabriela derramava lágrimas, Saulo sorria.

-O que aconteceu com você? – Riram, pois haviam feito a pergunta um ao outro ao mesmo tempo.

-Uma longa história! – Gabriela respondeu primeiro.

-Bem... A minha nem tanto, foi tudo muito rápido! – Explicou Saulo.

Lucy distraiu-se ao ver aquilo, Cairus aproveitou-se e desferiu um golpe no braço da guerreira, um corte profundo, causou uma dor aguda, insuportável na guerreira, largou a espada em chamas, que começou a cair, mas antes que tocasse o solo, desmaterializou-se, Cairus ria, e com sua velocidade conseguiu passar as costas de Lucy, mordeu suas asas, a guerreira gritou e conseguiu se soltar das presas do demônio, virou-se e o encarou, o monstro sorria com pedaços de penas de suas asas na boca.

Os olhos de Lucy acenderam-se, uma chama dourada e intensa, a espada materializou-se em sua mão novamente, gritou, mas dessa vez não pela dor, mas um brado de guerra, em linha reta avançou, tão rápida que nem o próprio Cairus pôde defender-se, e

desferiu um golpe horizontal, a violência do impacto foi tamanha que a couraça negra espatifou-se, rasgando a carne do demônio, uma trilha de sangue negro rastreava no ar, Lucy rangeu os dentes, ergueu o braço em sentido contrário e desferiu um novo golpe, dessa vez acertou a asa de Cairus, o demônio contorceu-se e gritou, um som infernal, ouvidos humanos não suportariam sem ceder a loucura, quando Lucy iria finalizar o combate, o experiente demônio transfigurou-se em fumaça e desapareceu. Lucy voltou à atenção a Saulo. O olhar transparecia uma incontrolável fúria, dentes arreganhados, seu brilho intensificou-se, apontou-lhe a espada e desceu como um relâmpago para cima do demônio. No segundo que isso aconteceu, Saulo percebeu que transpirava, maldito lado humano. Olhou para trás onde estava a espada, e para seu espanto do mesmo modo que a de Lucy materializou-se em sua mão, a dele agora aparecia na sua, seu lado demônio fez com que seus olhos acendessem e mostrasse as presas, esperando pelo choque que enfrentaria com a anjo, sentiu a carne as suas costas darem o sinal de dor de sua carne rasgando, liberando suas asas, estava pronto, que viesse aquele ser flamejante.